

AS PERSPECTIVAS DA SURDEZ NA LITERATURA DE JORGE SÉRGIO LOPES GUIMARÃES

The perspectives of deafness in Jorge Sérgio Lopes Guimarães' literature

Diogo Souza Madeira¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo tecer reflexões sobre as perspectivas da surdez na literatura de Jorge Sérgio Lopes Guimarães, desconhecida para a atual comunidade surda pela falta de divulgação a respeito da obra do escritor surdo dos anos 60. O mesmo se sustenta em consolidar as discussões direcionadas à imagem de Guimarães com os autores que discutem os conceitos de memória, literatura, identidade e surdez. Uma dessas discussões é se a obra de Guimarães é apta à Literatura Surda por questões de identidade surda, com base nos pensamentos de Stuart Hall (2002), para buscar compreender a complexidade da identidade cultural e social a partir de suas crônicas, que abordam o cotidiano do surdo.

PALAVRAS-CHAVE

Memória; Surdez; Identidade; Literatura.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the perspectives of deafness in the literature of Jorge Sérgio Lopes Guimarães, which is unknown to the current deaf community due to the lack of disclosure about the work of the deaf writer of the 60s. The discussions are directed to the image of Guimarães with the authors who discuss the concepts of memory, literature, identity and deafness. One of them the discussions is if the work of Guimarães is suitable for Deaf Literature, due to deaf identity issues, based on the thoughts of Stuart Hall (2002), to seek the understanding of the complexity of cultural and social identity from its chronicles, that address the daily life of the deaf.

KEYWORDS

Memory; Deafness; Identity; Literature.

¹ Professor no Instituto Federal Sul Rio Grandense – IFSUL/Campus Pelotas; doutorando em Letras – História da Literatura – na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, RS, Brasil. madeira.azrael@gmail.com.

Introdução

Jorge Sérgio Lopes Guimarães nasceu em 1933 no Rio de Janeiro, em uma família de descendentes de portugueses. O autor ficou surdo aos dois anos de idade, em decorrência do crupe, uma infecção viral contagiosa dos canais respiratórios que provoca dificuldades ao respirar, sobretudo ao inspirar.

Sua surdez foi diagnosticada graças ao fato de Jorge Sérgio, enquanto criança, ainda não ter começado a falar, o que fez com que a sua família o levasse ao médico.

Aos 30 anos, ele tornou-se escritor e costumava publicar suas crônicas, sobre o cotidiano do surdo, em três jornais que circulavam no Rio de Janeiro: *O Globo*, *Jornal das Moças* e *Shoppings News*.

Ele faleceu em 6 de outubro de 1973, vítima de enfarte. De acordo com as informações das pessoas próximas de Guimarães, a época dele foi muito complicada em termos sociais, por ele ser surdo.



Figura 1 – Jorge Sérgio Lopes Guimarães durante o lançamento do seu primeiro livro

Fonte: Fotografias cedidas pelo jornal *O Globo*.

A literatura de Jorge Sérgio Lopes Guimarães, escritor surdo na década de 60, é desconhecida para a atual comunidade surda. O ponto de vista da surdez de Guimarães será apresentado aqui através de suas crônicas, propondo reflexões sobre os conceitos de literatura, identidade, memória e surdez com relação à escrita autobiográfica e à representação como pontos de partida para se compreender como se comporta o pluralismo da surdez, cada vez mais nítido em pleno século XXI. A escrita autobiográfica é dependente, pode-se dizer,

dos conceitos de identidade e memória, uma vez que, em nenhum momento, se pode construir uma literatura subjetiva sem a presença dessas, ao menos que seja considerada significativamente como narrativa de testemunha. Elas reproduzem cada ponto, cada vírgula, cada interrogação, cada exclamação e cada narrativa. Identidade e memória, inclusive, podem ser consideradas como a representação do narrativismo. Para Joel Candau (2009), a memória é uma força de lembranças, exigindo que o passado seja visto e, a identidade, uma representação significativa.



Figura 2 – Capa do livro *Até onde vai o surdo*, de autoria de Jorge Sérgio Lopes Guimarães
 Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Portanto, a ideia desta discussão é buscar compreender, conforme a questão acima, os pontos identitários e memoriais, especificamente, na literatura de Jorge Sérgio Lopes Guimarães. Jacques Le Goff (2008) ressalta que a História e a Literatura, na maioria das vezes, se mesclam para tornar a ideia clara quando o leitor deseja decifrar a origem da história, ou melhor, a origem do que foi contado. A literatura de Guimarães é uma memória social, que trata da surdez e da comunidade surda dos anos 60.

A esfera da memória contribui para a busca da origem do objeto (TEDESCO, 2004) por questões de sistema de símbolos e valores:

A esfera da memória e dos depoimentos orais, genealógicos e biográficos, está contribuindo, em muito, para o campo de análise histórica, ligando temporalidades, fazendo-as se entrecruzar, bem como resgatando atores sociais silenciados, dimensões do real muito pouco visíveis. É nesse sentido que a proliferação de estudos em torno do campo de análise da memória revela um olhar das ciências humanas, sociais, históricas e pedagógicas sobre si mesmas; um olhar crítico, inovador, problematizador e projetivo do passado e do futuro. (TEDESCO, 2004, p. 30)..

A surdez é um conceito amplo, com base em visões distintas, como a linguística e a médica. A compreensão da surdez de Guimarães conta com aportes documentais, como escritos e fotografias.

Nas suas crônicas, o escritor se apresentava como um surdo oralizado, pois, na sua época a maioria dos surdos era oralizada. As memórias de Guimarães, suas crônicas escritas, retratam também as memórias de muitos outros surdos, seus contemporâneos. Le Goff (2008, p.80) salienta a importância desses escritos para a compreensão das experiências vividas individualmente ou em grupo:

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. (LE GOFF, 2008, p. 80).

Os escritos de Guimarães permanecem, no entanto, esquecidos. O escritor surdo ficou marginalizado por não fazer parte da história oficial, tanto da surdez quanto da educação de surdos, conquanto ele seja citado em um artigo sobre a linha do tempo relacionada à Educação de Surdos, porém não com destaque.

Objetiva-se que o escritor surdo desconhecido seja conceitualmente ressignificado, reconstruído no sentido midiático, sua memória deve ser submetida ao processo de catalogação de documentos editoriais.

Uma vez que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto coletiva quanto individual, segundo Michael Pollak (1992, p. 5), é indiscutível que existam vários tipos de memória.

A prosa de Guimarães é um suporte de memória para a atual comunidade surda, a ponto de compreender a fotografia linguística² dos anos 60, nitidamente diferente da presente. Portanto, para os leitores, no processo de memorização, Roger Chartier (2014, p. 220) destaca que a relação entre memória e escrita é determinante para fixar pensamentos, ou seja, registrar passagens e acontecimentos.

No caso do escritor surdo, o cerne de sua literatura está em fazer com que os leitores compreendam o dia a dia da surdez, inclusive suas particularidades. É a memória de um surdo e da surdez em uma determinada época. A memória do surdo envolve seus sentimentos, tanto revoltados quanto felizes, acerca da sua surdez a partir de suas vivências sociais.

1 A identidade de Guimarães em questão

As crônicas analisadas permitiram compreender o entorno linguístico de Guimarães. Esse entorno linguístico, entre outros fatores, foi decisivo para a constituição de sua identidade. Ele se descrevia como surdo falante, ou seja, oralizado, e falava com certa comisseração dos “surdos-mudos”, ou seja, surdos que não eram oralizados e que utilizavam a língua de sinais, ou, em suas palavras: o Alfabeto Manual de L'Épée.

O mais interessante é que na época do escritor surdo essa denominação era universal em razão do método oralista, utilizado por quase todos os países. A identidade é uma ação que adota as características do sujeito ou do elemento, de acordo com a imposição do tempo (HALL, 2002, p.10). A construção de uma identidade depende dos pontos econômicos, políticos e sociais, entre outros aspectos, considerados de impacto global. Segundo Hall (2002, p.8), tanto a identidade individual quanto a identidade coletiva estabelecem-se a partir de mudanças culturais e da influência geopolítica, ainda que sofram com as perceptíveis circunstâncias surgidas das diferentes épocas, além da verificação das memórias identitárias. Hall aponta que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (2002, p. 9).

² Em referência à realidade social e linguística da época de Guimarães.

Em relação à essência do papel social, o próprio autor sugere essa teoria, a partir de consequências que afetam instantes passados como uma ação inevitável por conta do ritmo rápido de mudanças políticas e sociais. O passado era um ponto de interrogação político³, ou seja, fazia parte da aculturação⁴. Mesclando a ação do tempo com a da construção da identidade, fica evidente que o amadurecimento da identidade social ou coletiva, no contexto histórico, depende das influências econômicas e políticas com a presença das memórias populares.

Inclusive, as identidades nacionais são modificadas pela globalização, porém, não por completo, graças ao fortalecimento das raízes culturais – no sentido histórico – dos sujeitos. A lógica da construção da identidade está nos meios sociais do sujeito, ainda mais na pós-modernidade, precisamente no final do século XX. Hall (2002) destaca a fala de Giddens (1990, p.63): “A globalização não é um fenômeno recente. A modernidade é inerentemente globalizante”.

Assim, pode-se classificar esse fato como momentâneo, o que comprova os fenômenos sociais passando instantaneamente, se envolvendo com o que venha das gerações internas e externas em relação à modernidade. Seguem-se as três concepções de identidade do sujeito para aprofundar o conceito de identidade, de acordo com Hall (2002).

2 Três concepções de identidade de Stuart Hall

As três concepções de identidade atribuídas por Hall são: sujeito de Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito de Iluminismo estava baseado numa concepção de pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e da consciência. Já o sujeito pós-moderno é identificado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Segundo Hall (2002), a primeira concepção é uma questão solucionada e menos discutida depois da entrada no século XX. É uma condição individual

³ Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

⁴ Trata-se de “aculturação” quando duas culturas distintas ou parecidas são absorvidas uma pela outra, formando uma nova cultura diferente.

lista, envolvida historicamente nos aspectos econômicos, políticos e sociais, vindos das influências patriotas e dos valores de descendentes, assumidos a ponto de emergirem desde seu nascimento, após serem facultados por esses mesmos valores. Pode-se inferir que era uma concepção “individualista” do sujeito e de sua identidade. (HALL, 2002, p. 11).

Na visão do autor, a formação do sujeito sociológico acontece quando percebemos que esse sujeito interage com a sociedade – em alusão tanto à relação pessoal quanto à relação pública. A isso, classifica-se de agulha sociológica, usualmente, para tecidos pessoais (formar uma identidade, uma metáfora social). A agulha sociológica de Hall consiste na maneira de fazer o mapeamento das regiões culturais e políticas em relação ao espaço-tempo:

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. (HALL, 2002, p. 16).

Sua função tem a noção de, estavelmente, unificar as várias identidades que “asseguravam nossa conformidade subjetiva com as necessidades objetivas da cultura, e estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais” (HALL, 2002, p. 12). Veja-se como uma reflexão geopolítica, depois que foi formulada essa segunda concepção, já que se expressa com destaque nas características do próprio sujeito sociológico – o parecer ótico é ser não autônomo.

Na última concepção, percebe-se o sujeito pós-moderno bem distante das outras concepções apresentadas. Sua identidade é uma celebração móvel, suas características são temporárias, modificáveis pela globalização cultural. Pelo efeito da pós-modernidade, a identidade do sujeito é sujeita a mudanças.

Ela se modifica na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, confrontados com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis. Não possui uma identidade fixa, pois sempre assume identidades diferentes em momentos diferentes. Em Silva (2010, p. 444), a identidade é uma manifestação de relato ou um discurso autodiferenciado.

No caso da identidade surda, cujo tema instiga constantemente as pessoas desde o reconhecimento legal da Libras – Língua Brasileira de Sinais –, o surdo não é “apenas surdo”, ou seja, o surdo possui particularidades culturais, linguísticas e sociais, no entanto, distantes das dos outros, corresponde a uma identidade pós-moderna.

3 A identidade surda a partir das representações surdas comunitárias: de que maneira Jorge Sérgio Lopes Guimarães representa a surdez?

A Comunidade Surda é composta por pessoas que conhecem a Cultura Surda e a Libras. Entende-se comunidade como um grupo com privacidade que valoriza seus aspectos históricos, culturais e sociais, constituindo uma representação comunitária. Em *Comunidades imaginadas*, Benedict Anderson (2009, p. 267) ressalta que a comunidade depende exclusivamente das raízes histórico-culturais.

É compreensível que a constituição da identidade individual se desenvolva por meio da coexistência sociocultural desde o nascimento, ou que, precisamente, a identidade seja construída pela realidade na qual o sujeito vive. Hall (2002, p. 13) ressalva que, hoje em dia, na pós-modernidade, a identidade não é ligada ao senso comum ou não é fixada em razão da liberdade social que o sujeito toma, diferentemente do que ocorria no início do século XX. No caso dos surdos, são diferentes e inúmeras as possibilidades de constituição de identidades.

Gladis Perlin (1998, p. 53) discutiu as identidades surdas, categorizando-as em cinco categorias. Entretanto, os autores que discutem identidade, como Hall e Silva, entre outros, destacam que não existem identidades únicas, engessadas, pelo contrário, as identidades são fluídas. Este trabalho toma por pressuposto que a categorização de Perlin pode ser vista não pelo viés das identidades, mas pelos diferentes entornos linguísticos, pelas diferentes experiências linguísticas nas quais os surdos estão imersos. Essas experiências, esses entornos, também não são fixos, porque as pessoas mudam de ambientes, de relações sociais, de escolas, entre outros contextos. As identidades surdas de Perlin, aqui tomadas como entornos linguísticos, são retratos instantâneos de diferentes momentos das jornadas surdas.

Nesse sentido, a própria Perlin (1998), ao discutir a identidade surda, baseada na resistência da cultura surda, alerta para a impossibilidade de fixar identidades:

Minha intenção, aqui, é usar esta última concepção de identidade para situar o sujeito surdo. Entendo o conceito de identidades plurais, múltiplas; que se transformam, que não são fixas, imóveis, estáticas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias, que não são algo pronto. (PERLIN, 1998, p. 52).

Sobre a identidade e a diferença, Silva (2000, p.76) trata da essência do ser e afirma que “elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais”.

Foram selecionadas três categorias de identidade de Perlin – aqui compreendidas como entornos linguísticos – mais relevantes à compreensão social do dia-a-dia de Guimarães. São elas:

a) Identidade Surda

A *Identidade Surda* é fortemente marcada pela política surda. É mais presente em surdos que pertencem à comunidade surda e apresentam características culturais como: possuir experiência visual que determina formas de comportamento, cultura e língua e carregar consigo a língua de sinais, usando-a sempre que necessitam se comunicar, pois é sua forma de expressão.

Eles têm um costume bastante presente que os diferencia dos ouvintes e que caracteriza a diferença surda: a captação da mensagem é visual e não auditiva, e o envio de mensagens não usa o aparelho fonador, e sim as mãos; esses indivíduos se aceitam como surdos, sabem que são surdos e assumem um comportamento de pessoas surdas. Entram facilmente na política com identidade surda, na qual impera a diferença: necessidade de intérpretes, de educação diferenciada e de língua de sinais.

b) Identidade Surda Híbrida

Na categoria *Identidade Surda Híbrida* encontram-se os surdos que nasceram ouvintes, mas ficaram surdos tardiamente devido a algum acidente que deixou sequelas crônicas; dependendo da idade do início da surdez, esses surdos

conhecem a estrutura do português falado e, dessa maneira, o envio ou a captação da mensagem, vez ou outra, é pela língua oral.

c) *Identidade Surda Flutuante*

A *Identidade Surda Flutuante* é a dos surdos que não têm contato com a comunidade surda. Para Karol Paden (1988, p. 26-29), é outra categoria de surdos pelo fato de não contarem com os benefícios da cultura surda. Eles também têm algumas características particulares e seguem a representação da identidade ouvinte.

Tanto na teoria quanto na prática, essas três identidades são distintas em razão do convívio cotidiano e da aquisição de linguagem.

O caso do surdo escritor dos anos 60, pelo seu entorno linguístico e pelo que suas crônicas sugerem, seria o de identidade surda flutuante. De acordo com a amiga do escritor entrevistada, também surda, os anos 60 foram sufocantes em termos linguísticos para ela e para a comunidade surda em geral. Em suas crônicas, o escritor surdo se utiliza de seu domínio de leitura e escrita como um exemplo de superação da surdez, estabelecendo diferenças entre surdos oralizados – para ele os bem-sucedidos –, e entre os surdos-mudos, que seriam o resultado do fracasso da educação. Ela comenta que Guimarães convive tranquilamente no mundo oral, mas, ao mesmo tempo questiona várias vezes o preconceito que sofre por ser surdo.

Em relação às representações surdas, já que representação e identidade são conceitos bem próximos, é perceptível que as representações surdas que Guimarães relata em suas crônicas são bastante diferentes das atuais, especialmente em termos de comportamento e pensamento. Adriana Thoma (2002) afirma que representação surda é uma forma de reivindicação pelos direitos humanos e linguísticos, conforme sua análise de filmes surdos e filmes não surdos de sua tese de doutorado. Ela usa o comentário de um surdo sobre a atriz surda Marlee Matlin, que não fez questão de salientar sua identidade surda:

Henrique lembrou que na época em que o filme *Filhos do silêncio* foi feito, o sucesso alcançado e a conseqüente indicação e consagração da atriz surda Marlee Matlin como melhor atriz foi resultado, entre outros fatores, da escolha do ator principal que contracenou com Matlin, o ator William Hurt. Em 1987, Hurt já era um ator conhecido e famoso, enquanto Marlee fazia seu primeiro filme longa-metragem. Na entrega do prêmio de

melhor atriz coadjuvante, Marlee dispensou a presença da intérprete e fez questão de se pronunciar e agradecer de forma oral. Essa decisão lhe rendeu críticas por parte da comunidade surda: a crítica, creditada à “contradição” entre a decisão de Marlee ao receber o prêmio e o enredo do filme, que representava as diferenças culturais dos surdos e a possibilidade de a sociedade pensar a surdez a partir de outro ponto de vista. – “Matlin perdeu a oportunidade de mostrar a identidade surda...” disse Henrique. (THOMA, 2002, p. 209).

Afirma-se que a representação surda pode ser individual ou coletiva, conforme cada elemento se manifesta por meio de sua própria natureza, tanto cultural quanto linguística. Em relação ao relato de Henrique coletado pela pesquisadora, tem-se a impressão de que o surdo entrevistado se mostrou descontente a respeito da decisão da atriz surda de se pronunciar oralmente ao invés de sinalizar⁵.

Essa ocasião possui várias hipóteses, duas possivelmente inegáveis e comumente reais: a primeira seria a de que a atriz surda teria cedido à pressão ouvintista e a segunda seria de que ela teria optado por valorizar sua natureza para mostrar sua verdadeira identidade, ou seja, para representar o que ela é. Em seu artigo⁶, Cabecinhas (2009, p. 3), que investiga representações sociais em termos de sociedade, destaca que a perspectiva das representações sociais coloca as pessoas ativas no processo de transformação. Assim, a decisão da atriz surda vem da sua representação social.

Houve um fato, em 2015, a respeito da atriz surda Marlee Matlin no Facebook, em que uma surda portuguesa postou uma foto da falecida atriz surda norte-americana Phyllis Frelich, afirmando que ela era melhor do que Matlin. Uma pessoa perguntou por que ela era melhor. A surda portuguesa explicou: “Porque essa atriz era mais artística e não tinha vergonha de utilizar a ASL⁷ em público”. Contudo, com essa explicação, ela estava se referindo à questão linguística e cultural, e não ao desempenho artístico.

Fica evidente que a comunidade surda sinalizante questiona Matlin porque, talvez, sendo eleita pelo Oscar como melhor atriz coadjuvante, ela transite

⁵ Considerado um termo cultural oriundo da comunidade surda sinalizante, em alusão à expressão “falar em língua de sinais”.

⁶ Pode ser apreciado o artigo da autora portuguesa publicado no periódico acadêmico local intitulado Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade por meio do link: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9644/1/rosacabecinhas-cultura2009.pdf>>.

⁷ A sigla da ASL corresponde à Língua de Sinais Americana, American Sign Language.

nas duas línguas – o inglês e a ASL, o que causaria incômodo a essa comunidade. Nota-se, portanto, um entorno linguístico e uma representação de língua de sinais completamente diferentes dos encontrados nas décadas de 50 e 60 nos textos de Guimarães. Karin Strobel (2009), em sua tese defendida em 2009, trata de valorizar os registros surdos descobertos pelos pesquisadores de Educação de Surdos:

Não podemos esquecer que, historicamente, os surdos sempre foram vistos como inferiores aos ouvintes, como deficientes que precisavam se adequar e caminhar para a normalidade e para isto precisavam se oralizar. Isto marcou por muitos anos a comunidade surda, que é uma minoria linguística e que tem sim uma língua própria não oral! O surdo que tem vergonha de usar a língua de sinais não se reconhece como surdo e sim como um deficiente, ou seja, não conseguiu se libertar da visão da surdez que a sociedade atribuiu. (STROBEL, 2009, p. 37).

As representações da Cultura Surda foram prejudicadas no passado, quando o oralismo era predominante. O ponto de vista da surdez de Strobel é parecido com o relato de Henrique, segundo Thoma (2002), por ter partido da comunidade surda sinalizante, ou por ao menos fazer questão de defender a identidade surda, representando a cultura surda e a língua de sinais. Guimarães, pelo que seus escritos indicam, representa exclusivamente a surdez em direção ao oralismo. Na sua época, a língua de sinais ainda não era reconhecida como língua, pois para ele o status de surdo oralizado possuía benefícios a partir de sua representação ligada ao oralismo.

Documentos legais, textos de jornais e revistas, assim como artigos acadêmicos e fotografias são capazes de traduzir representações culturais e sociais de comunidades surdas em diferentes épocas. A seguir, duas fotografias evidenciam duas representações atuais de surdez:

As fotografias apresentadas acima serão descritas de acordo com a aparição dos elementos. Na Figura 3, os surdos oralizados e implantados fazem a pose para registrar o encontro realizado. Os surdos oralizados e implantados, ao menos para eles, possuem o português como primeira língua, e a Cultura Surda não lhes faz parte do seu mundo, por opção. A Figura 4 é, sem dúvida, bastante explícita pelas roupas azuis em alusão ao Dia do Surdo, e as pessoas fotografadas em um ambiente nitidamente educacional posam como forma de valorizar a Cultura Surda e a Libras, cuja representação vem da comunidade surda sinalizante. Não cabendo aqui fazer julgamentos sobre as representações surdas acima,



Figura 3 – Reunião de surdos oralizados e implantados.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/fernandamoraisfotografia/12118868364>.



Figura 4 – Surdos sinalizantes e simpatizantes da causa surda comemorando o Dia do Surdo.

Fonte: <http://www.tjmg.jus.br/ejef/noticias/unidade-raja-comemora-o-dia-nacional-dos-surdos.htm#.VUK9z0uyBCM>.

afirma-se que cada comunidade, a partir de seu contexto cultural, histórico e social, constrói diferentes representações.

Retomando a discussão sobre o entorno linguístico de Guimarães, assim como as representações sobre a surdez presentes em seus textos, pode-se perceber um contexto de valorização da oralização e de desprezo pelos surdos sinalizantes:

Hoje em dia não é mais recomendável o uso da linguagem manual, mas, infelizmente, no Brasil, a maioria dos surdos que alcançaram a idade adulta, continua a empregar o antiquado sistema de comunicação. Uma realidade bastante lamentável, que precisa ser corrigida. Convém salientar que o aprendizado da palavra falada é importantíssimo, e deve ser sempre estimulado. (GUIMARÃES, 1961, p. 12).⁸

Tratando da surdez condizente, esse pensamento de Guimarães a respeito do alfabeto manual como um antiquado sistema de comunicação, no que se refere à linguagem manual, não pode ser condenado, uma vez que a educação que ele recebeu por meios clínicos e familiares foi bastante diferente da de hoje, em razão das pesquisas relacionadas à língua de sinais.

Marilena Chauí (1995, p.125) discute que rememorar o que foi feito no passado pode ajudar as pessoas a compreenderem os enigmas e as intenções passados que se encontram incompatíveis com as práticas atuais. Conforme Norberto Bobbio (1997), na rememoração se pode buscar compreender a significação da identidade, ou melhor, da representação.

As representações surdas de Guimarães apresentadas em seus escritos são relacionadas à surdez clínica. Hoje em dia, a surdez não é compreendida apenas por um viés clínico. Existem diferentes campos ideológicos, assim como evidenciam as fotografias apresentadas acima.

Para Hall (2002), a representação é um conjunto de significados e valores que emergem através da linguagem. O livro de Guimarães, compreendido como um suporte de memória (GONDAR, 2008, p. 2), ajuda a percepção das representações sobre a surdez em sua época.

Como afirma Margarida Neves:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e

⁸ Publicado originalmente no jornal O Globo, em 21/10/1959.

simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação. (NEVES, 1998, p. 218).

As memórias de Guimarães e as representações que emergem do livro servem para a reflexão sobre a atual comunidade surda em geral, e para saber como foram as vivências surdas na metade do século XX. Ao cruzar com uma linha teórica relacionada à surdez do passado, para identificar porque as épocas são bastante distintas, Strobel (2009), que investiga ativamente a história dos surdos, acredita que antigamente a cultura surda era bem invisível, razão que levou muitos surdos à incompreensão social.

Em sua dissertação de mestrado, Anie Goulart Gomes (2011, p. 123) afirma que a cultura surda é possivelmente interpretada como um processo de libertação e manutenção, fazendo uma analogia à queima de sutiãs no movimento feminista ou ao fim da escravidão para os negros. Essa autora fez apenas uma comparação militante, para que as pessoas compreendessem de forma direta a cultura surda. Mesmo assim, a cultura dos surdos se encontra em aberto para ser discutida conceitualmente, o que é frequente onde estão as comunidades surdas (sinalizantes⁹) que defendem a Libras. Entretanto, o termo cultura surda passou a ser compreensivelmente patente a partir de 1980, na medida em que a Libras estava sendo constituída (GOMES, 2011, p.132).

A identidade narrativa de Guimarães é equivalente a uma “ipseidade”, ou seja, possui caráter único. Paul Ricoeur (1997) salienta que:

A identidade narrativa se equivale a uma verdadeira ipseidade em virtude desse momento derrisório, que faz da responsabilidade ética o fator supremo da ipseidade [...]. A narrativa já pertence ao campo ético em virtude da pretensão, inseparável da narração, à correção ética. (1997, p. 429)

Neste sentido, sugere-se que as crônicas de Guimarães sejam testemunhas de um entorno linguístico flutuante, induzido pelo oralismo da sua época, em que a língua de sinais ainda não era compreendida como algo positivo ou aceito na educação dos surdos, pelo menos no Brasil. O campo linguístico em que os surdos estavam inseridos distingue-se do contemporâneo no contexto

⁹ As comunidades surdas sinalizantes são as que se comunicam em língua de sinais e que vivem a cultura surda.

histórico-social. O trecho da crônica intitulada “A surdez não é obstáculo!”, publicada em seu livro *Até onde o surdo vai*, apresenta o processo de aquisição linguística do escritor surdo:

Quando pequeno tive dificuldade no aprendizado da palavra, a ponto de rebelar-me muitas vezes. No princípio, tudo me pareceu penoso e terrível, mas, à medida que crescia, fui compreendendo que, para alcançar uma pronúncia razoável, era preciso grande força de vontade e treino intenso. (GUIMARÃES, 1961, p. 84)

Perceptivelmente, esse trecho é bastante subjetivo em termos de surdez, ou seja, é baseado em como o escritor surdo possivelmente via o oralismo como um benefício, apesar do sofrimento, o que nos dias de hoje a comunidade surda chamaria de método cruel. São memórias de experiências muito distintas.

Considerações finais

Durante muito tempo, o escritor surdo Jorge Sérgio Lopes Guimarães permaneceu desconhecido para a maioria dos participantes da comunidade surda brasileira contemporânea. É importante compreendê-lo como um autor que, ao registrar sua história, por meio da literatura, pode recuperar a memória da surdez nas décadas de 50 e 60 do século XX, no Brasil. O processo desta pesquisa buscou trazer à tona sua obra e divulgá-la para que os que atuam na área de surdez o conheçam e compreendam um pouco mais a história da surdez no Brasil.

Seus escritos são uma fotografia de um período no qual os surdos eram vistos como doentes que deveriam ser “normalizados”. Sua importância para a comunidade surda atual refere-se ao seu papel de cronista surdo da história dos surdos no Brasil. Ou seja, Jorge Sérgio Guimarães não escreve no lugar do outro. Ao falar de si, da sua surdez e das representações de surdez vigentes na época, tem-se o registro de uma memória que deve ser compreendida e problematizada.

O livro de Jorge Sérgio Guimarães é uma preciosidade da história e da memória dos surdos brasileiros e, muito ainda tem a contribuir para a compreensão da surdez em meados do século XX no Brasil.

Guimarães, agora rerepresentado por esta pesquisa, merece estar registrado na literatura surda, e também na literatura brasileira, por ser considerado um exímio escritor de crônicas e textos jornalísticos.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.
- CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- CHARTIER, R. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 6.ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- GONDAR, J. Memória individual, memória coletiva, memória social. *Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 13, 2008. Disponível em: [<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4815>] Acesso em: 18 nov. 2019.
- GUIMARÃES, J. S. L. *Até onde vai o surdo*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Tupy Ltda, 1961.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. Editora, 2002.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 5.ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.
- NEVES, M. S. História e memória: os jogos da memória. In: MATTOS, I. R. (Org.). *Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access, 1998, p. x – x.
- PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- POLLAK, M. *Memoria, olvido, silencio: la producción social de identidades frente a situaciones límite*. Buenos Aires: Editora Al Margen, 2006.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Campinas: Editora Papirus Editora, 1994.
- SÁNCHEZ, C. M. *La increíble y triste historia de la sordera*. Caracas: Editorial Ceprosord, 1990.
- STROBEL, K. L. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- TEDESCO, J. C. *Nas cercanias da memória*. Caxias do Sul: Editora UPF, 2004.
- THOMA, A. S. *O cinema e a flutuação das representações surdas: "Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva ..."*. 2002. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.